

MARIA E DUZU-QUERENÇA: O LUGAR DE FALA NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

MARIA E DUZU-QUERENÇA: THE PLACE OF SPEECH IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S STORIES

Ilcemara Regina Farenzena 1
Olívia Aparecida Silva 2
Maria Perla Araújo Moraes 3

1 Professora de Literatura e Redação no Ensino Médio e Curso Pré-Vestibular do Colégio Objetivo de Gurupi - TO. Mestranda em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras - Campus de Porto Nacional - Universidade Federal do Tocantins; 2017/2019). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER e Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX; 2005). Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Faculdade UNIRG; 2004). E-mail: ilcemararegina@bol.com.br

2 Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

3 Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1998), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2000) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Mia Couto, Literatura e História, Identidade Cultural, Transculturação, Walter Benjamin, Monstruosidade. É professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Tocantins e líder do grupo de pesquisa NELA: Núcleo de estudos de Literaturas Africanas e Portuguesa, cadastrado no CNPQ. E-mail: perlamoais@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo comparar nos contos: *Maria e Duzu Querença* – o espaço social em que as personagens femininas estão inseridas bem como o perfil delas. As personagens em questão fazem parte dos contos homônimos do livro *Olhos d'água* (2014), obra pertencente à literatura afro-brasileira contemporânea, da escritora Conceição Evaristo. É importante ressaltar que uma das vertentes da narrativa contemporânea é a discussão de estereótipos estigmatizados socialmente. Isso representa não apenas a ruptura com o modelo tradicional literário, mas trouxe à tona a discussão de temas relacionados à condição humana de uma parcela da sociedade que até então não figurava na escrita literária e deu voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados, aqui a mulher e negra. A literatura garante o espaço de fala e representatividade dessa parcela social que sai do anonimato, mostrando como faz parte da história e como produz sentido sobre a sociedade.

Palavras-chave: Personagens Femininas. Representação. Sociedade.

Abstract: This article aims to compare in the stories: *Maria and Duzu Querença* - the social space in which the female characters are inserted as well as their profile. The characters in question are part of the homonymous tales of the book *Olhos d'água* (2014), a work belonging to contemporary afro-Brazilian literature, by the writer Conceição Evaristo. It is important to emphasize that one of the aspects of contemporary narrative is the discussion of socially stigmatized stereotypes. This represents not only the rupture with the traditional model, but also brought up the discussion of topics related to the human condition of a portion of society that had not previously figured in literary writing and has given voice to traditionally ignored or silenced subjects, here the woman and black. Literature ensures the space of speech and representativeness of this social portion that leaves anonymity, showing how it is part of history and how it produces meaning in society.

Keywords: Female Characters. Representation. Society.

Introdução

Nos contos “Maria” e “Duzu Querença”, que pertencem ao livro *Olhos d’água*, a escritora Conceição Evaristo apresenta personagens inseridas em uma realidade social de extrema vulnerabilidade, além disso, ambas são representantes de um estrato social marginalizado duplamente: mulher e negra.

Violência, desigualdade social e a discussão sobre as adversidades que incidem sobre o corpo negro compõem o enredo das narrativas de Conceição Evaristo. Essa realidade tecida por Conceição Evaristo, em seus contos, dá abertura para discussões sobre o lugar de fala de uma parcela da sociedade que até então não tinha representatividade na produção literária e abre espaço para questões como a legitimidade de quem fala e por quem fala.

Conceição Evaristo diz que sua escrita resulta da trajetória vivida. Antes de se tornar escritora, moradora de favela, doméstica e negra. Ativista do movimento negro no Brasil, vê na escrita uma forma de quebrar o silêncio imposto histórica e socialmente aos grupos marginalizados.

No conto “Duzu-Querenza”, é narrada a história de Duzu, que, ainda menina, é levada pelos pais para a cidade grande na expectativa de estudar e trabalhar. O pai sonhava algo melhor para a filha. Ela foi parar na casa de D. Esmeraldina, dona de um prostíbulo. Inicialmente, a menina ajudava nos afazeres domésticos, logo, com o convívio, passou a ter um quarto só para ela receber os fregueses.

Tornou-se conhecida, teve vários filhos e acostumou-se à violência e aos maus tratos recebidos. Com o passar do tempo, as dores foram aumentando, a perda do neto Tático, com treze anos, foi mais uma, e para ludibriar a dor, Duzu entra em estado de delírio, vive entre o passado e o presente, perambulando pela cidade.

No conto “Maria”, a protagonista é uma doméstica que trabalha para sustentar os filhos, com dificuldade. No retorno, após um dia de trabalho, depois de esperar o ônibus por mais de meia hora, cansada, mas contente, pois ganhara da patroa restos de comida e uma gorjeta, Maria é linchada, pois o pai de um dos seus filhos, estava no ônibus e sentou-se ao seu lado, e junto com outro assaltante anunciou o assalto. Quando eles desceram do ônibus, ela foi espancada pelos passageiros que suspeitavam do envolvimento dela com os assaltantes.

Tanto Maria quanto Duzu-Querenza representam a mulher negra, inserida em contexto ou posição social de subalternidade, com experiências distintas, revelam formas diferentes de opressão. É nesse viés que a produção literária de Conceição Evaristo será explorada, com discussões teóricas sobre o lugar de fala na literatura, visto como uma forma de denunciar uma sociedade organizada de maneira hierarquizada e desigual.

O Lugar de Fala na Literatura Contemporânea Brasileira

Segundo Regina Dalcastagnè, a literatura brasileira é um território contestado, já que nele está em jogo a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, e de se fazer visível dentro dele. Em nossa literatura, há também a busca de espaço e poder: poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Isso explica o desconforto causado pela presença de novas vozes não autorizadas que começaram a fazer parte da produção literária que até então era produzida pela classe dominante para a classe dominante.

A explicação mais evidente para essa inquietação é que o acesso das classes populares aos meios de produção discursiva sempre foi relegado, por seus representantes não atenderem a determinados requisitos socialmente impostos. A exclusão dessa parcela da sociedade não é um fenômeno intrínseco à literatura, mas comum a todos espaços de produção de sentido. Essa percepção é reforçada quando a autora afirma que o espaço literário brasileiro ainda é homogêneo, por privilegiar um determinado grupo social e excluir os demais de participarem como agentes sociais capazes de falar de si e do mundo que os rodeia. Isso pode ser comprovado através dos números:

...entre os anos de 2006 e 2011 foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher, na categoria estreador, do Prêmio São Paulo de Literatura... mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos.

Mais de 60%deles vivem no Rio de Janeiro e São Paulo.
(DALCASTAGNÈ, 2012, p. 08)

Esses dados comprovam que a tensão existente no meio literário está diretamente ligada à presença de autores ou autoras que contrapõem o perfil fixado pela tradição literária e a necessidade de reafirmar a legitimidade de sua própria construção e representação, o que incita constantes questionamentos no âmbito do fazer literário contemporâneo. Essa questão é abordada por Leyla Perrone Moisés, em *Inútil poesia e outros ensaios breves*, quando ela diz que a principal discussão teórica que se trava atualmente é em torno do cânone devido:

A desconstrução do Centro e dos princípios em que se baseavam o estabelecimento e a defesa do cânone abriu caminho para as propostas de revisão baseadas em critérios extraliterários: reivindicações de grupos (as chamadas minorias). (PERRONE, 2000, p. 340)

Conceição Evaristo é uma escritora que se encaixa nesse novo perfil, contrapondo ao cânone literário e dando voz a grupos marginalizados socialmente. Ela própria afirma ser o ato de escrever um ato político. Quando os novos atores sociais falam novos sentidos podem ser articulados, subvertendo o imaginário brasileiro, no qual a mulher negra e pobre ocupa papéis que passam longe da escrita e da ação.

Conceição Evaristo foi moradora de uma comunidade em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro, passou no concurso público para o Magistério, formou-se em Letras, na UERJ, e se tornou militante e ativista do movimento negro. Teve suas primeiras produções editadas em 1990, através do coletivo Quilombohoje. Autora de vários livros, ganhou vários prêmios e reconhecimento internacional, sendo homenageada na Europa.

Sua escrita revela a desigualdade velada na sociedade e a recuperação de uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e potencialidade. Essa tendência presente na narrativa de Conceição Evaristo vai ao encontro com as discussões tecidas por Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo*, quando a teórica diz que uma das características da produção pós-moderna é questionar os sistemas centralizados, totalizados, hierarquizados e fechados e que isso é resultado da experiência política, social e intelectual dos anos 60.

(...) muitas vezes as discussões literárias sobre o pós-modernismo parecem excluir obra das mulheres (e muitas vezes, poder-se-ia acrescentar, também a dos negros), embora as explorações realizadas por mulheres (e negros) na forma narrativa e linguística tenham figurado entre as mais contestadoras e radicais. (HUTCHEON, 1991, p. 26)

A percepção de Linda Hutcheon é reforçada por Regina Dalcastagnè, quando a professora diz que a escritora Conceição Evaristo destoa do perfil dos escritores consagrados e representativos da literatura brasileira. Daí entendermos porque sua legitimidade e presença são constantemente questionadas pela crítica literária, o que reforça a carência na narrativa brasileira contemporânea de representantes das classes populares, tanto como produtores quanto personagens representativos delas.

Para Djamilia Ribeiro, autora do livro *O que é lugar de fala*, o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Por isso, para ela o lugar de fala pode ser visto como um meio de refutar o que foi determinado hierarquicamente além de mostrar que essa hierarquização dificulta a possibilidade de transcender nesse meio.

Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valoração negativa da cultura dominante. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19)

Conceição Evaristo traz para discussão o papel do escritor contemporâneo que parece estar motivado por uma grande urgência de se relacionar com a realidade histórica, porém, consciente de que está impossibilitado de captá-la na sua especificidade atual. Karl Erik, em *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), vê a literatura como um caminho que pode se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura e isso faz com que a maneira realista de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva seja um traço característico do escritor contemporâneo.

Sendo o escritor, segundo Barthes (1999, p.33), o que fala no lugar do outro e sendo a literatura uma forma de representação, surge o questionamento de quem é esse “outro” e qual sua posição social. Nessa perspectiva, ganha espaço para discussão nos estudos literários atuais o reconhecimento e a representatividade social e política dos grupos socialmente marginalizados. Dalcastagnè reforça essa consciência de representação quando ela diz que:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17)

A autora vê como crucial a autenticidade e a legitimidade dessa representação e evidencia a voz que representa o grupo na produção literária. Segundo ela, o fundamental não é apenas garantir o espaço de fala, preconizado pela liberdade de expressão, mas a possibilidade de “falar com autoridade”, isso possibilita o reconhecimento e inclusão no campo literário de um grupo socialmente estigmatizado.

Segundo Conceição Evaristo, em entrevista concedida à revista Carta Capital, suas personagens centrais nascem profundamente marcadas pela condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira: “Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de “dentro para fora”, que minhas histórias brotam”. Daí entendermos a rejeição de certos grupos em espaços demarcados socialmente, já que estão inseridos num lugar onde suas humanidades não foram reconhecidas, em especial a mulher negra.

Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias. (RIBEIRO, 2017, P.75)

A percepção de Djamilia Ribeiro é importante para entendermos o conceito de lugar de fala não apenas como uma forma de manifestação discursiva e representativa de um grupo, mas como ferramenta política com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva.

A questão de representação do “outro” ganhou evidência no meio literário quando escritores modernistas regionalistas incluíram a fala dos marginalizados nos seus textos, representada pelos personagens ou narradores.

Hoje, o foco da literatura brasileira contemporânea está voltado para o meio urbano, especialmente, para os problemas que rodeiam os habitantes da cidade. “Daí, a necessidade de se olhar o espaço urbano também pelo ângulo daqueles que estão impedidos de se mover... ocupar um espaço é sinônimo de se contentar com os restos – as favelas, a periferia, os prédios em ruínas”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 120)

Ainda sobre a narrativa atual, Antonio Candido diz que os escritores contemporâneos tentam “apagar as distâncias sociais”, através da identificação com o popular, o que, na visão dele, ajuda a construir um painel mais plural sobre a sociedade brasileira nos dias de hoje.

Ainda sobre o escritor contemporâneo, Regina Dalcastagnè faz referência ao modo como os escritores interferem na narrativa, principalmente, com o intuito de salientar a presença daquele que fala, seus dramas, suas experiências, representativos de homens e mulheres, e sua existência no espaço urbano, espaço esse visto como parte constitutiva da personagem, já que é um elemento que pode tanto definir as personagens como também suas relações com o meio.

A autora, em sua obra “Espaços possíveis”, faz a seguinte observação: “... esses seres

confusos que preenchem a literatura contemporânea, habitam um espaço não menos conturbado. Um espaço que se estreita ou se alarga de modo igualmente sufocante”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 109)

Ainda em relação ao espaço, a autora fala da possibilidade de deslocamento dos personagens, evidenciando que personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão praticamente em extinção na literatura brasileira contemporânea, isso porque o espaço que permeia o enredo é essencialmente urbano, sendo a cidade não apenas o meio onde se desenrola a ação, mas um agente determinante de significado e extremamente relevante na narrativa.

Maria, Duzu Querenza e o lugar de fala

Maria e Duzu Querenza fazem parte da galeria de mulheres presentes nos contos que compõem o livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Neles, a escritora retrata a realidade da periferia, de periféricos e, em sua maioria, de mulheres periféricas em situação de desigualdade e exclusão social. Com foco para a população afro-brasileira, ela aborda, numa linguagem direta, a realidade vivenciada por mulheres que se diferem em idade e em conjunturas de experiências, mas que compartilham a mesma vida de ferro segundo a escritora, equilibrando-se na “frágil vara” que é a vida.

Personagem emblemática para mostrar essa situação de exclusão e exploração é a protagonista do conto “*Duzu-Querença*”, apresentada como mendiga, prostituta e louca — predicativos que, obviamente, colocam-na à margem da chamada cidadania. O pai de Duzu-Querença era um sonhador, “queria caminhar para o amanhã, era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. (EVARISTO, 2016, p. 32)

Porém, Duzu se torna representante da dura realidade dos mais pobres e conseqüentemente sujeita à exploração. Explorada desde criança, criada por D. Esmeralda, dona de um prostíbulo, torna-se prostituta e sofre as agruras de um destino desumano.

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e passagem de roupa. Era ela também que fazia a limpeza dos quartos. (EVARISTO, 2016, p.32)

Um dia Duzu esqueceu de bater e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo... Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi baixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina. (EVARISTO, 2016, p. 33)

Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como forma de vida. (EVARISTO, 2016, p.34)

Como resultado de uma situação degradante e de exploração, convivendo num meio hostil e violento, Duzu, mãe de nove filhos, espalhados pelas periferias. A morte de um deles –Tático – contribuiu para que Duzu alimentasse mais uma dor, e para ludibriá-la veio o delírio. Duzu começou, então, a brincar de faz de conta, “olhando o mundo” das escadarias da igreja numa tentativa de se esquivar do sofrimento que a rodeava:

Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara

asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real. (EVARISTO, 2016, p.35)

Como forma de fazer entender o estado de sofrimento de Duzu Querença, a narrativa não só explora o delírio, mas nos faz ver a personagem com mais complexidade, traçando um histórico que desemboca no presente e no alheamento. Duzu é uma personagem que foge ao modelo tradicional literário e representa o que Dalcastagné chama de acesso de voz dos grupos marginalizados que vivenciam uma identidade coletiva que se encontram à margem das representações discursivas, já que há uma censura velada do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. (RIBEIRO, 2017, p. 63)

Já no conto *Maria*, a protagonista é empregada doméstica, sem companheiro e com filhos para criar, no retorno de ônibus para sua casa, depois de um dia de trabalho, cansada, mas feliz, com uma sacola de comida e uma gorjeta que havia ganhado da patroa, acaba sendo vítima de um equívoco que se tem tornado comum nas metrópoles: “Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou.”(EVARISTO, 2017, p.41) Durante a viagem no ônibus, um dos assaltantes era o pai de um dos seus filhos, que sentou-se ao seu lado e trocou algumas palavras com ela.

No final do assalto, um dos passageiros incitou os demais a lincharem Maria, mesmo o motorista dizendo que a conhecia:

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (EVARISTO, 2016, p.42)

A violência é tema central nesse conto, representada por uma cena que se tornou comum nos centros urbanos – assaltos a ônibus e a frieza com que os sujeitos periféricos são entendidos na sociedade. Maria é, rapidamente, acusada de ser comparsa dos assaltantes e, como consequência, é insultada e linchada:

Nega safada, vai ver estava de coleio com os dois. (EVARISTO,2016, p. 41)

Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2016, p.42)

Não há espaço para defesa, diante da conclusão apressada de todos do ônibus de que Maria teria feito parte do assalto. Interessante é como o conto contrapõe essa imagem social a uma outra: a da mulher trabalhadora que estaria retornando para casa. Essa extensão que o conto fornece à personagem enfatiza como ela estaria integrada dentro da sociedade, pois era uma trabalhadora. Entretanto, não é como as outras pessoas percebem Maria; para a sociedade, a personagem é objetificada em alguns papéis que são de difícil transposição, se constituindo em uma identidade que não aparece integrada.

É perceptível, nos contos em questão, como a escritora dá voz a uma parcela da sociedade marginalizada e silenciada. Enfatiza a violência física e simbólica que cerca essas identidades,

delineando as situações de vulnerabilidade e risco dentro da sociedade.

Logo, a escrita de Conceição Evaristo provoca o que Djalma Ribeiro chama de tomada de consciência e desestabilização da norma hegemônica imposta socialmente. Isso gera, além de conflito, mudança e incômodo, já que vozes que até então eram silenciadas ou excluídas têm a oportunidade de romper o silêncio instituído.

Conclusão

As personagens femininas de “Maria e Duzu Querença” são representantes de uma parcela que está à margem da sociedade urbana. De forma diferente, sofrem a violência e exploração resultante da desigualdade social. Duzu Querença, desde criança foi explorada, cresceu em um meio que não lhe ofereceu outro destino. O conto deixa claro essa anterioridade da personagem, propiciando pensar nas implicações das desigualdades sociais até mesmo no delineamento da saúde mental dos sujeitos periféricos.

Maria também está à margem, é empregada doméstica, tendo que trabalhar para sustentar os filhos. No assalto ao ônibus, mesmo não tendo participado, é vista como culpada e acaba sendo linchada.

As duas são personagens representativas do que Conceição Evaristo chama de seus pares. Ela disse, em uma entrevista concedida à Revista Carta Capital, que as personagens femininas que compõem a tessitura dos seus contos são, na verdade, resultado das suas vivências, o que ela denomina de “escrevivência”. Para ela, a escrita é como um meio para romper o silêncio dos que foram silenciados e torná-los visíveis.

É através desse espaço que as desigualdades são mostradas, ajudando a entender por que, apesar dos direitos conquistados nas últimas décadas, as mulheres, sobretudo, as negras e pobres, permanecem sendo o grupo de maior vulnerabilidade social, situação vivida nos dois contos pelas protagonistas. Por isso, a literatura é vista como um espaço importante para conferir legitimidade ao autor e a quem ele representa.

Daí entendemos porque a escrita de Conceição Evaristo gera tensão. Além disso, a inserção de vozes que fogem à tradição literária coloca em discussão o fazer literário e sua função na contemporaneidade.

Referências

CASEIRO, Daniel. Porque Conceição Evaristo é a grande candidata à Academia Brasileira de Letras: **Revista Carta Capital**. 2018. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/07/24/porque-conceicao-evaristo-e-a-grande-candidata-a-academia-brasileira-de-letras/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

HUTECHON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PERRONE-MOISES, Leila. **Que fim levou a crítica literária?** In: Inútil poesia e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.